

Salada de frutas e mediação artística: uma proposta de ação poético educativa.

ISABELLA WHITAKER¹; BARBARA CEZANNO²; OLIDES LUAN TAVARES BOLZON³; CAROLINA CORREA ROCHEFORT⁴

¹ Centro de Artes - UFPEL – isawhitakerart@gmail.com

² Centro de Artes - UFPEL – barbarac.rody@gmail.com

³ Centro de Artes - UFPEL – elbode@live

⁴ Centro de Artes – UFPEL – carol80cr@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de uma reflexão acerca de uma ação de mediação artística realizada no atelier de Cerâmica do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como trabalho da disciplina de Mediação Artística: Experimentações Poéticoeducativas, ofertada no primeiro semestre de 2015. Pensamos aqui, no termo mediação não somente sendo uma ação a ser realizada em galerias ou museus como instrumento de ligação entre espectador e obra, mas sim como uma proposição que busca estimular e deslocar o sujeito de seu lugar comum, ou seja, uma ação que é também educativa e possível de ser realizada em qualquer espaço que seja habitado por pessoas, mesmo que este não seja um espaço formal de arte ou educação.

Partimos do pensamento de uma mediação que propõe a educação como troca, como relação, e a relação entre as pessoas que pode proporcionar experiências que atravessam o sujeito e consequentemente, o modifica e o faz pensar.

(...) a experiência supõe que o acontecimento afeta a mim, que produz efeitos em mim, no que eu sou, no que eu penso, no que eu sinto, no que eu sei, no que eu quero, etc. Poderíamos dizer que o sujeito da experiência se exterioriza em relação ao acontecimento, que se altera, que se aliena. (LARROSA, 2011. P.07)

Buscamos aqui, o alargamento das noções de mediação e educação, partindo da experiência de mediação mencionada acima na qual propomos a um grupo de pessoas (colegas) que se deslocassem para um ambiente fora da costeira sala de aula, a sala 211 do Centro de Artes. Fomos em conjunto até o Atelier de Cerâmica do mesmo Centro de Artes, onde uma turma aguardava por sua primeira aula da disciplina de Introdução à Cerâmica. Juntos, preparamos e degustamos uma salada de frutas. Em meio a cruzamentos de mãos, braços, palavras, pensamentos e frutas, percebemos que ali foi estabelecido um lugar propício para a experiência e a troca, sendo então, um potente ambiente educativo, articulado/criado a partir de uma ação de mediação artística.

2. METODOLOGIA

Durante as aulas de Mediação Artística surgiram variadas discussões sobre as possibilidades do que pode ser uma mediação artística. Uma delas é aqui pensada na mediação que trata de encontros entre pessoas e que busca estimular o pensamento e possibilitar a experiência, propomos uma ação

mediativa que somente poderia acontecer coletivamente. Iniciamos o processo indo até uma feira de rua, para escolhermos algumas frutas, para uma salada de frutas. A feira pode aqui ser concebida como um possível espaço para que uma mediação aconteça. Sendo um espaço onde a troca é constante, seja de mercadoria, de história, ou de saberes, é um potente espaço para dar início a um processo de horizontalização, pois buscamos trocas mútuas entre as pessoas. Bourriaud nos aponta que a arte sempre buscou algum tipo de relação (2009), e é o que uma ação de mediação artística também busca.

As relações que normalmente se estabelecem no primeiro dia de qualquer disciplina, geralmente se dão por conversas nas quais as pessoas procuram se conhecer, sabendo seus nomes, de onde vieram e etc. Ali havia ainda uma inevitável expectativa do primeiro contato com um ateliê de cerâmica, seja boa, apática, ou de não saber com o que se deparariam, a depender de cada um e cada momento. Porém, aqueles que estiveram presentes no primeiro dia de aula da disciplina de Introdução a Cerâmica, se conheceram de outra maneira. A proposta da mediação possibilitou que a relação entre os sujeitos se transformassem junto com ela mesma. Assim, “um processo educativo que envolve a mediação dos conhecimentos e saberes pode potencializar a aproximação e promover a emancipação, pois parte da experiência” (MOSCHOUTIS, 2013. P.45 e 46). A ação de preparar um prato de comida entre desconhecidos, gerou trocas espontâneas entre os sujeitos que ali estavam, fazendo com que ao final do preparo todos se conhecessem um pouco mais intimamente, enquanto apropriavam-se do espaço de ateliê e sala de aula, e mediavam seus próprios papéis.

As relações enquanto arte surgem dos estreitamentos a medida que nos envolvemos com a confecção da salada de frutas, pois desde a senhora que nos conta o segredo para escolher os melhores maracujás, até ao colega de classe que pede ajuda para cortar o mamão, são momentos permeados por conversas e trocas que acontecem despretensiosamente. Estas e diversas noções aproximam a arte da vida, e entrecruzam *arteducação*. Esta aparente despretenciosa mediação possibilitou ações como o escolher, o trocar, o cortar, que propoem o envolvimento a partir da experiência. Esses fazeres do preparo da salada envolvem e aproximam, possibilitando transmitir conhecimentos e motivando a aprender em um contexto de troca inevitável de saberes entre tarefas, conversas e ações, para que, no final, todos possam comer uma saborosa salada de frutas, saberes e arte. Compartilhar todo esses sabores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenvolvimento deste trabalho só é possível pelo caráter de mediação, seja dos saberes, da experiência artística entre artista que se confunde enquanto público e obra, mediado e mediador, mas também de propor-se a observar uma educação horizontal, onde o feirante, ou a simpática senhorinha podem ser arte educadores graças a esses mesmos mecanismos, potências ou relações que definem a proposição como arte, e que de fato ocorrem na mediação artística, tornando-a possibilidade de ambiente educacional através da Experiência.

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo

como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece.
(LARROSA, 2011. P.27)

A cozinha propicia um lugar de partilha, onde cada um a habita singularmente, mas em conjunto. Portanto, a entendemos como um acontecimento, que pode existir em uma sala de aula, ou em um atelier de cerâmica, pois é a troca e a possibilidade de experiência que pode transformar qualquer espaço em uma cozinha.

4. CONCLUSÕES

Acreditamos que este é um trabalho que está em intensa transformação e é um potente objeto de estudo, pois qualquer ação que se dê em um espaço onde a troca seja a principal potência, o processo de ensino e aprendizagem será sempre singular.

Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas. Essa repartição de partes e dos lugares se fundam numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividades que determinam propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha.
(RANCIÈRE, 2005. P.15)

A partilha na cozinha, que é também sala de aula, permite uma maior aproximação e horizontalização entre os sujeitos que a habitam. Ali, todos são alunos e todos são professores, assim, as relações que ali se traçam passam a ser mais sinceras e íntimas, deixando de lado hierarquias que distanciam os sujeitos e não permitem que experiências os atravessem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo, Martins. 2009

LARROSA, Jorge. Revista Brasileira de Educação. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Nº19, pg 20. 2002

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo, EXO/34. 2005.

MOSCHOUTIS, Helena dos Santos. **Pela Lei Natural dos Encontros: Experiências de mediação artística no espaço expositivo e na sala de aula**. Pelotas, UFPel. 2013